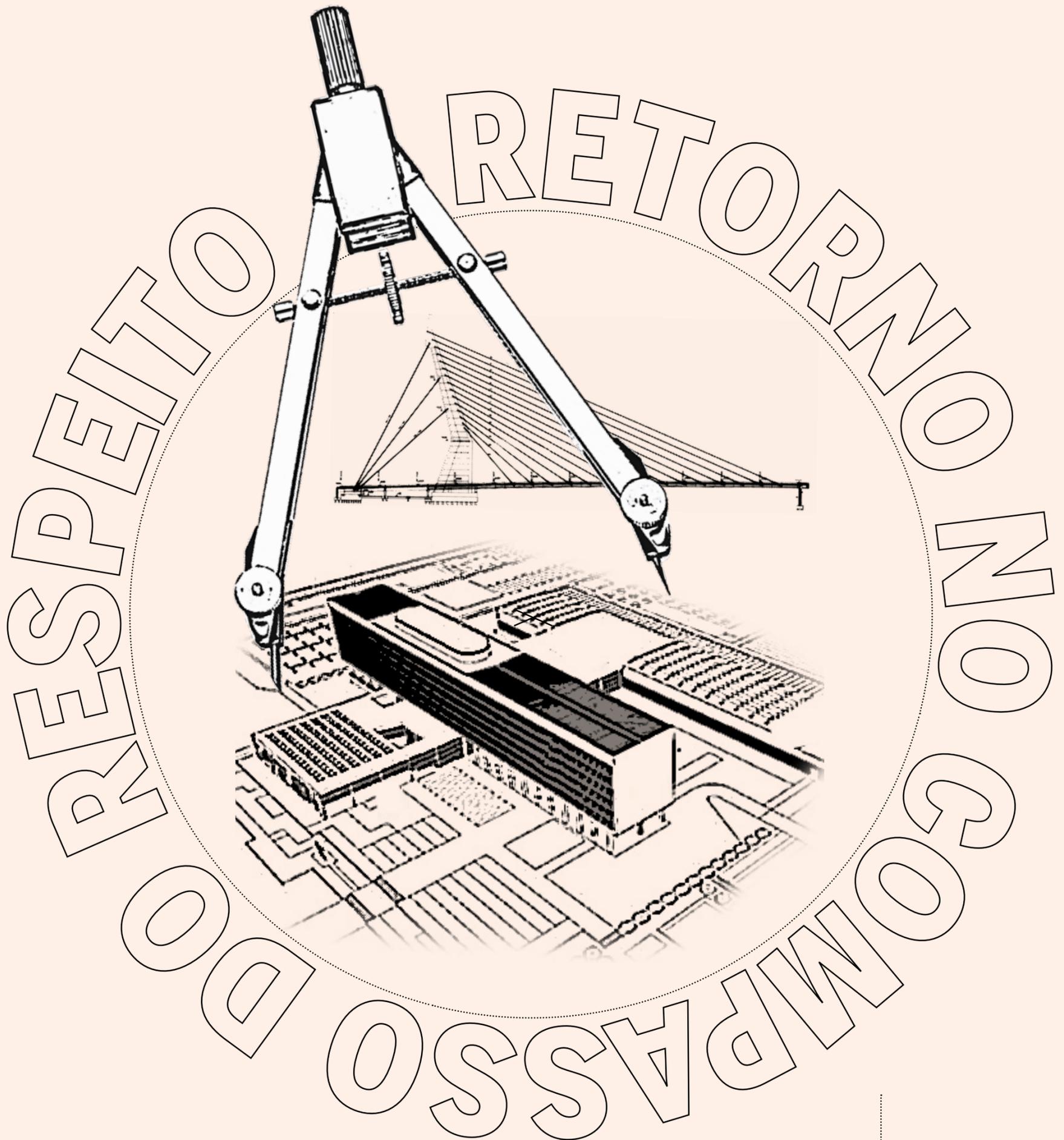


O mestre do piano era Doutor *Honoris Causa* pela UFRJ. O título foi concedido em 2011 numa emocionante cerimônia na Escola de Música



PESQUISA DA UFRJ AJUDOU MACAÉ A CONQUISTAR EXCELENTE PERFORMANCE NA PANDEMIA



Devagar, respeitando a vida, a Ciência e os colegas de trabalho, a comunidade universitária começou a retornar aos campi na última quarta-feira (3). A data foi definida pelo Conselho Universitário, mas ainda há muitos problemas estruturais para a retomada segura da rotina. A volta das aulas práticas presenciais está prevista para 16 de novembro. Na próxima semana, a universidade entra com recurso contra decisão de juiz federal que obrigou retorno de todas as atividades acadêmicas.

EDITORIAL

UM RETORNO DE MIL COMPASSOS (OU) O PRELÚDIO DE MUITAS SAUDADES

DIRETORIA

Nesta semana em que perdemos Nelson Freire, o pianista que emocionava muito além dos prelúdios e que, entre muitos títulos, carregava o de “Doutor Honoris Causa da UFRJ”, tentamos fazer um jornal parecido com a universidade.

Nas próximas páginas, oferecemos um resumo da potência criativa, responsável e diversa da comunidade universitária. Tratamos da ciência à arte. Da pesquisa à extensão. Do compromisso com o meio ambiente na COP26, na Escócia, ao retorno presencial seguro no Fundão.

Nas páginas 4 e 5, registramos as primeiras horas de retorno dos servidores ao trabalho presencial, no último dia 3. A data, definida pelo Consuni, reafirma o princípio constitucional da autonomia da universidade, e marca a forma como iremos reocupar os campi. Iremos devagar, como num samba do mestre Paulinho da Viola, no compasso do respeito aos protocolos sanitários, aos colegas e à ciência. Espaços mapeados, sinalizados e com distanciamento resguardado marcaram essa volta gradual.

A ciência, aliás, é o tema da alvissareira notícia publicada aqui ao lado. A matéria se debruça sobre o trabalho incansável dos profissionais da UFRJ em Macaé e mostra que a cidade fluminense conquistou os melhores índices do estado do Rio no combate à covid-19. Os dados foram registrados na prestigiada *Nature*, em artigo assinado por 21 professores do campus da universidade. Graças ao trabalho do Nupem na testagem, monitoramento (com geolocalização) e acompanhamento dos casos, Macaé tem hoje a menor taxa de letalidade (2,1) entre os municípios com mais de 500 mil habitantes do estado.

A preocupação com a qualidade de vida da população também é tema do projeto de extensão Encosta Viva, que ilustra a página 6. O projeto da Escola Politécnica está percorrendo escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro com oficinas onde os alunos da Educação Infantil ao nono ano podem conhecer mais sobre os deslizamentos de terra que assolam várias comunidades da capital. O projeto já chegou a cerca de 600 estudantes, muitos deles moradores de comunidades com áreas de risco, e vai prosseguir em 2022.

A responsabilidade da UFRJ com todo

o planeta também aparece nessa edição. Na página 7, mostramos o trabalho da Coppe na Conferência do Clima. A professora Suzana Kahn, vice-diretora da unidade, está na Escócia e, de lá, concedeu entrevista exclusiva com um balanço dos primeiros dias do evento. O debate da COP26 conta com participação ativa dos pesquisadores da universidade. A Coppe coordenou a elaboração do relatório “Clima e Desenvolvimento - Visões do Brasil em 2030”, que apresenta alternativas para um futuro alicerçado no desenvolvimento sustentável. O documento, com a contribuição de mais de 250 especialistas, se baseia na economia de baixo carbono, na justiça e na inclusão social.

E, com arte e saudade, terminamos o jornal com o resgate da cerimônia em que a UFRJ concedeu o título de Doutor Honoris Causa ao pianista Nelson Freire, em 2011, na Escola de Música. Foi o primeiro título acadêmico da história desse fascinante artista que morreu na última segunda-feira e nos deixou ainda mais órfãos de delicadeza e talento. Que a saudade de Nelson e de outros tantos que partiram nessa interminável pandemia ilumine o compasso de nosso reencontro na universidade.

■ **O PROGRAMA ADUFRJ NO RÁDIO DESTA SEMANA** recebe Mayra Goulart, professora do IFCS e vice-presidente do sindicato, para discutir os temas políticos da semana. Bolsonaro não vai à COP26 e isola um pouco mais o Brasil no cenário mundial. A política externa do governo está esvaziando o *soft power* brasileiro. O governo acabou com o Bolsa Família e tenta criar um programa de distribuição de renda para mudar a demografia do voto do presidente em 2022. O programa também destaca a volta das atividades presenciais dos técnicos da UFRJ. O AdUFRJ no Rádio vai ao ar todas as sextas-feiras, às 10h, com reprise às 15h, pela Rádio UFRJ (www.radio.ufrj.br) e também está disponível em seu agregador de podcasts favorito.



CONVÊNIOS

■ Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR

Aposta na Ciência fez de Macaé exemplo contra a pandemia

> Nupem/UFRJ publicou estudo na *Nature* em que mostra eficiência das ações adotadas no município do Norte Fluminense. Cidade teve índice de letalidade inferior ao da capital, no início da crise sanitária

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

Uma intensa articulação de agentes públicos e entidades privadas em apoio a medidas pautadas pela Ciência tornou Macaé

a cidade do estado do Rio mais eficiente no combate à pandemia, em 2020. É o que aponta um estudo do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem/UFRJ) publicado em outubro na britânica *Nature*, uma das revistas científicas mais renomadas do mundo. Nos seis primeiros meses da pandemia, a cidade do Norte Fluminense registrou 1,8% de letalidade com a covid-19. Uma taxa bastante inferior à da capital, de 10,6%, no mesmo período.

O Nupem montou um laboratório que realizou mais de 15 mil testes PCR para detecção do coronavírus, entre abril de 2020 e janeiro deste ano. Todo paciente que procurava a rede pública de saúde em Macaé era testado pela universidade. A iniciativa contou com o apoio da prefeitura local, do Ministério Público Federal e do Ministério Público do Trabalho, além de entidades privadas, que atuaram na compra de insumos. Todo o trabalho, que mobilizou professores, pós-graduados e técnicos do instituto, recebeu a orientação do Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ, coordenado pelos pesquisadores Amílcar Tanuri e Orlando Ferreira.

O artigo mostra que o monitoramento da pandemia, com testagem, acompanhamento permanente de casos e cruzamento de dados entre os resultados e o perfil dos infectados, somado à correlação com a sua localidade, foram medidas determinantes para diminuir o contágio e a letalidade na cidade. Quem explica é a professora Cintia Monteiro de Barros, uma das pesquisadoras que assina o artigo. “Macaé foi uma das cidades do Rio com o menor número de mortes relacionadas à covid-19, e isso é fruto do que fizemos aqui, a testagem com padrão ouro”.

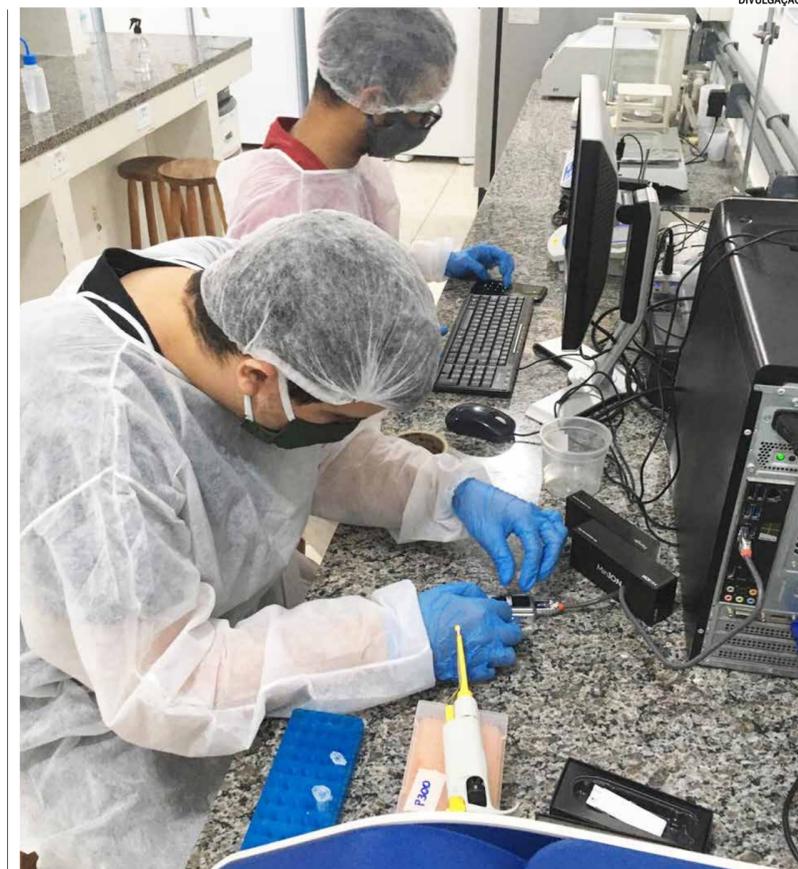
E já que o novo coronavírus representa uma fronteira para a produção de conhecimento, os cientistas do Nupem não vão parar com a publicação na *Nature*. A partir de todos os dados coletados até aqui, prossegue a investigação dos efeitos da pandemia na população. Uma das frentes de trabalho trata da cir-

culação das variantes na região e a relação delas com o quadro de infecção dos pacientes. “Nós conseguimos observar que determinados tipos de mutações levavam as pessoas à morte. Este artigo está em fase final de redação”, conta a professora. “Vamos analisar as mutações específicas das variantes para avaliar se algumas delas levaram a casos mais graves”.

Durante seis meses, 350 pacientes testados pelo grupo também foram chamados, como voluntários, para acompanhamento da imunidade. “As pessoas foram infectadas pela doença e, antes da vacina, nós acompanhamos, mês a mês, a imunidade das pessoas, quais tipos de anticorpos elas produziam e por quanto tempo”, relata Cintia. A eficácia da vacinação é outro foco de atenção. “Coletamos o sangue das pessoas antes da vacina, e depois fizemos coletas mensais para ver a produção de anticorpos. Já estávamos monitorando a eficácia da primeira e segunda doses, e agora ganhamos um edital da Faperj para fazer o mesmo com pacientes que tomaram a terceira dose”, detalha.

O Nupem se uniu pela multidisciplinaridade. Cintia é biomédica e não atuava na área de virologia, a exemplo de outros colegas envolvidos na pesquisa. Estudava imunologia de invertebrados marinhos. Ela foi uma das voluntárias recrutadas pelo professor Rodrigo Fonseca, coordenador dos testes. Mas adaptar seu trabalho não foi tão complicado. “Todo cientista tem o método científico dentro de si. Sem o apoio que tivemos de especialistas na área, não teríamos todo esse êxito. Foi um conjunto de pessoas com vontade de trabalhar e pessoas com boas ideias relacionadas à Ciência”, diz Cintia. A professora faz questão de ressaltar o apoio dos pesquisadores Amílcar Tanuri, Orlando Ferreira e Leda Castilho, da Coppe. “Eles foram muito gentis com a gente”.

Jornada parecida teve a professora Ana Petry, especialista em ecologia de peixes de lagoas e ambientes costeiros. “Quando soube que os professores estavam começando a se mobilizar para começar os primeiros testes, eu me ofereci. Como entendia de planilhas de Excel, comecei ajudando a organizar o estoque e a calcular a demanda por insumos”, conta a professora, que também trabalhou na higienização dos laboratórios. Em seguida, Ana ajudou na análise dos dados coletados. “Na eco-



DIVULGAÇÃO

TRECHO DO ARTIGO

Article | Open Access | Published: 11 October 2021
Molecular testing and analysis of disease spreading during the emergence of COVID-19 in Macaé, the Brazilian National Capital of Oil

Natalia Martins Feltosa Bruno da Costa Rodrigues | Rodrigo Nunes-da-Fonseca

Scientific Reports | 11, Article number: 20121 (2021) | [Cite this article](#)
1286 Accesses | 16 Altmetric | [Metrics](#)

Abstract

The Brazilian strategy to overcome the spread of COVID-19 has been particularly criticized due to the lack of a national coordinating effort and an appropriate testing program. Here, a successful approach to control the spread of COVID-19 transmission is described by the engagement of public (strategy and governance) and private sectors (hospitals and oil companies) in Macaé, state of Rio de Janeiro, Brazil, a city known as the National Oil Capital. In 2020 between the 17th and 38th epidemiological week, over two percent of the 206,728 citizens were subjected to symptom analysis and RT-qPCR testing by the Federal University of Rio de Janeiro, with positive individuals being notified up to 48 h after swab collection. Geocodification and spatial cluster analysis were used to limit COVID-19 spreading in Macaé. Within the first semester after the outbreak of COVID-19 in Brazil, Macaé recorded 1.8% of fatalities associated with COVID-19 up to the 38th epidemiological week, which was at least five times lower than the state capital (10.6%). Overall, considering the successful experience of this joint effort of private and public engagement in Macaé, our data suggest that the development of a similar strategy countryside could have contributed to a better control of the COVID-19 spread in Brazil. Quarantine decree by the local administration, comprehensive molecular testing coupled to scientific analysis of COVID-19 spreading, prevented the catastrophic consequences of the pandemic as seen in other populous cities within the state of Rio de Janeiro and elsewhere in Brazil.

TESTES MOLECULARES EM MASSA realizados pelo Nupem/UFRJ (cima) ajudaram município a mapear os casos de infecção e direcionaram políticas públicas locais. Eficiência do modelo rendeu artigo publicado na *Nature*, em outubro deste ano

gia, temos formas de analisar os dados que se mostraram muito adequadas para analisar os dados dos infectados. Ficou um trabalho muito multidisciplinar”, explica.

Ana destaca a importância dos resultados alcançados em uma cidade com as características de Macaé, onde o mercado de petróleo gera um fluxo permanente de pessoas chegando e saindo o tempo todo. “Aí está a importância da universidade pública, que foi capaz de fornecer respostas rapidamente para o gestor público”, avalia. A localização dos casos era compartilhada o tempo inteiro com a prefeitura, que tomava as decisões de combate à pandemia. Um esforço que rende frutos até agora: Macaé possui a menor taxa atual de letalidade (2,1) entre os municípios com mais de 500 mil habitantes do estado fluminense.

“O investimento em testagens fez muita diferença para uma cidade que, possivelmente, estaria fadada a ter números piores de casos e mortes. Essa história poderia servir de exemplo para muitos outros lugares”, conclui Ana.



AdUFRJ
no Rádio



FOTOS: FERNANDO SOUZA

DE UM LADO, A VONTADE DE VOLTAR. DO OUTRO, A FALTA DE ESTRUTURA

> Universidade retoma gradativamente a rotina de trabalho, mas instalações da UFRJ ainda deixam a desejar. Unidades se preparam para recepção de alunos de disciplinas práticas a partir do dia 16

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

O silêncio e o vazio que predominaram ao longo da pandemia nos corredores da UFRJ, aos poucos, vão dando lugar à vida. Sem pressa, respeitando o compasso do retorno seguro e atenta aos protocolos sanitários, a universidade volta gradativamente à sua rotina de trabalho.

A reportagem da AdUFRJ circulou por unidades do Fundão na quarta-feira, 3, primeiro dia marcado para a volta presencial dos servidores, constatou que os locais estão sinalizados, mas registrou também problemas e insegurança dos docentes e técnicos.

“Os nossos profissionais já estão sendo convocados para esse retorno presencial, mas de forma escalonada”, esclarece o diretor do Instituto de Geociências, professor Edson Farias Mello. As chefias imediatas estão encarregadas de verificar se os profissionais estão imunizados contra a covid-19, mas o diretor adianta que a adesão à vacinação em sua unidade foi total. “Isso já está sendo

verificado e não temos problemas. Nosso maior desafio será quando os alunos retornarem”, avalia o diretor.

O monitoramento de acesso às dependências do IGEO vinha ocorrendo individualmente, sobretudo para quem precisasse acessar os laboratórios durante a pandemia. “O professor responsável assinava uma autorização que era trazida impressa e verificada pela vigilância. Isto era importante porque, em caso positivo da doença, nós teríamos como mapear os contatos da pessoa infectada. Mas a partir de agora essa prática não faz mais sentido, pelo aumento da circulação”, avalia.

Uma preocupação do professor Edson Mello é com relação aos trabalhos de campo. “As aulas práticas retornarão dia 16, mas a maior parte delas depende de trabalhos de campo. A universidade não estipulou critérios para essas viagens de campo, nem indicou os protocolos para quando casos positivos acontecerem durante as viagens. As saídas a campo duram 15, 20 dias. Tempo suficiente para uma pessoa eventualmente adoecer”, preocupa-se o diretor. “Um terço do curso que forma um geólogo é desenvolvido no campo. Essa particularidade também acompanha a Geografia e a Biologia”, exemplifica o professor.



“Estou indo agora para uma reunião com a equipe para avaliarmos como voltamos, porque, efetivamente, não temos lugar físico para todo mundo”

ELIZABETH ZUCOLOTTI
Departamento de Geologia e Paleontologia, Setor de Meteorítica do Museu Nacional

SEGURANÇA

O retorno presencial geral dos docentes e técnicos foi autorizado pela administração central desde o dia 3 de novembro. A resolução foi aprovada no último Conselho Universitário (dia 28 de outubro). O texto sublinhava que a volta aos locais de trabalho estaria condicionada à situação da pandemia, deveria acontecer de forma gradual e seguindo as orientações de biossegurança estipuladas pelos cientistas da própria universidade.

Segundo a professora Fátima Bruno, superintendente de

Planejamento Institucional da PR-3, mil espaços já foram mapeados pelo site “Espaço Seguro UFRJ”, formulado para a classificação de risco dos ambientes. Pelo endereço <https://espacosseguro.ufrj.br/> é possível preencher um formulário com dados como dimensão, existência de janelas e demais espaços para ventilação, número de pessoas que trabalham no ambiente, entre outras informações.

Quem volta ao presencial também se preocupa com a segurança para chegar e sair do campus. A professora Joalice Mendonça, vice-coordenadora do Laboratório de Palinofácies e Fácies Orgânica (Lafo), passou a atuar no campus desde agosto do ano passado e lamenta a sensação de insegurança. “A gente trabalha com as salas sempre fechadas na grade e no cadeado. Sempre que saio, um vigia me acompanha até eu entrar no Uber”, descreve.

Elizabeth é chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu e conta que após o incêndio seu departamento foi abrigado no Horto, mas, sem orçamento para manutenção, e com as chuvas constantes, uma infiltração fez o forro da sala ceder. “Estou indo agora para uma reunião com a equipe para avaliarmos como voltamos, porque, efetivamente, não temos lugar físico para todo mundo”, diz.

Diana, parceira de pesquisas de Elizabeth – ambas são caçadoras de meteoritos –, também não pode voltar ao Valongo. “Não temos orçamento e por isso não temos banheiro funcionando, o que inviabiliza o retorno presencial para o Observatório”, pondera. “Então, tenho me revezado entre o Labsonda e a Física, onde gentilmente me cederam uma sala para trabalhar”.



FOTOS: FERNANDO SOUZA



ESCOLA DE QUÍMICA INSTALOU dispensers com álcool em gel nos corredores. Diretor da Geociências, Edson Mello se preocupa com viagens a campo. Salas no CT, CCS e pró-reitorias com sinalizações de segurança. Professora Rosana Ferreira, da Microbiologia, prepara ambientes. Setores da administração trabalham por escala

REITORIA AVISA UNIDADES SOBRE IMPOSIÇÃO DA JUSTIÇA

No mesmo dia 3, o gabinete da reitoria enviou às decanias e unidades um ofício comunicando a obrigatoriedade do retorno das aulas a partir do dia 16. O documento cita o Parecer de Força Executória expedido pelo Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF 2) na semana passada, que determinava a volta das aulas nas instituições federais de ensino do Rio de Janeiro, dentre elas a UFRJ. De acordo com o documento enviado pela administração central, “as atividades de ensino na UFRJ devem voltar a ser presenciais em todas as unidades acadêmicas, mesmo que parcialmente”.

A administração central da universidade prepara defesa. “O recurso à decisão deve ser feito pela Procuradoria Regional Federal da 2ª Região, que representa não só a UFRJ, mas todo o conjunto de instituições federais de ensino localizadas na cidade do Rio de Janeiro, área que estava sob a jurisdição dos procuradores do Ministério Público Federal que ingressaram com a ação”, esclarece o vice-reitor, professor Carlos Frederico Leão Rocha. O procedimento de juntar documentação de todas

TRECHO DO OFÍCIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Gabinete da Reitoria
Chefia de Gabinete da Reitoria

Ofício nº 446/2021 - GR/CHGAB

Rio de Janeiro, 02 de novembro de 2021.

Aos Decanos e Diretores de Unidades

Assunto: Encaminha parecer de força executória

1. Cumprimentando-os, respeitosamente, servimo-nos do presente para encaminhar, em anexo, parecer de força executória emitido pela Procuradoria Federal que comunica e interpreta decisão judicial referente ao processo judicial 5015092-03.2021.4.02.0000. Neste parecer é **determinada a retomada das aulas presenciais em todos os níveis de ensino, nas instituições federais mencionadas** dentre as quais consta a UFRJ.
2. Em decorrência do referido parecer que recebemos no dia 28 de outubro, informamos que as atividades de ensino na UFRJ **devem voltar a ser presenciais em todas as unidades acadêmicas, mesmo que parcialmente.**

as instituições, na avaliação do vice-reitor, cria obstáculos à celeridade da defesa. “Estimamos que ingressaremos com o recurso na semana que vem”.

A universidade pretende argumentar que já possui um plano de retorno gradual previsto para o dia 16, com a volta presencial das aulas experimentais. E que segue as recomendações sanitárias e decisões de seus colegiados internos. Tais disci-

plinas estariam condicionadas ao mapeamento dos espaços de risco. Até o momento, 21 unidades que possuem atividades práticas validaram seus espaços para essas aulas. “Apesar dos sobressaltos causados pelo Judiciário, é importante reafirmar que a UFRJ já tinha um planejamento baseado em critérios científicos”, destaca o presidente da AdUFRJ, professor João Torres.

CEG ALTERA CALENDÁRIO DE 2022

O Conselho de Ensino de Graduação modificou o calendário para 2022. Agora, o recesso entre períodos, que tinha sido aprovado com duração de 29 dias, terá apenas 22 dias. Outra mudança é a data do final do período, que passou para 7 de janeiro de 2023. A pró-reitora de Graduação, professora Gisele Pires, explicou, durante a sessão, que o calendário aprovado na semana passada pelo colegiado tinha menos de 190 dias. Ao consultar o MEC, foi esclarecida que a excepcionalidade que permitia reduzir os dias letivos para normalizar o calendário atrasado pela pandemia não seria mantida para

2022. O que fez a PR-1 revisar as datas e propor o ajuste. A professora Margaret Lica Chokyu, representante do CLA, sublinhou a necessidade de a universidade observar a legalidade de seus atos, sobretudo neste momento de ataques por parte do governo e do Ministério Público Federal. “É importante que a gente não crie nenhuma casca de banana para nós mesmos no futuro”. Sobre o encurtamento do recesso, ela afirmou ser frustrante, por conta do cansaço acumulado ao longo da pandemia, mas que seria a saída para se ajustar à norma. O professor João Torres con-

corda que o cansaço e o ritmo de trabalho na pandemia são muito intensos e que reduzir o recesso é desgastante sobretudo para professores e estudantes. O principal problema, no entanto, em sua visão, é o descompasso entre os calendários da graduação e da pós-graduação. “Muitos docentes atuam nos dois níveis. Os calendários estarem fora de fase penaliza e sobrecarrega ainda mais esses professores”, argumenta. “Outro complicador é para os docentes que, além de atuarem na pós e na graduação, têm filhos em idade escolar. São três calendários para compatibilizar”, afirma o docente.



Projeto leva tema das áreas de risco a escolas públicas

> Oficinas sobre desastres gerados em comunidades cariocas por deslizamentos de terra fazem parte do Encosta Viva, da Escola Politécnica, voltado a alunos da rede municipal de ensino no Rio

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufjr.org.br

Muitas comunidades da cidade do Rio de Janeiro sofrem com os deslizamentos de terra, sobretudo aqueles gerados por fortes chuvas. Para disseminar informações sobre esses desastres, que já geraram tragédias históricas na capital fluminense, o projeto Encosta Viva (<https://encostaviva.poli.ufrj.br/>), da Escola Politécnica da UFRJ, vem percorrendo, desde outubro deste ano, algumas escolas públicas do município para levar informações a crianças e jovens que, muitas vezes, já sentiram na pele o peso desse problema nas comunidades onde vivem.

Coordenado pelo professor Marcos Barreto de Mendonça, o projeto já levou suas oficinas às escolas Reverendo Martin Luther King, na Praça da Bandeira, e Thomas Mann, no Cachambi, ambas na Zona Norte. “Nessas duas escolas, atendemos um total de 30 turmas, em torno de 600 alunos, desde a Educação Infantil até o nono ano. Foi uma experiência incrível, sobretudo com as crianças pequenas. Tivemos de adaptar até o linguajar para interagir com elas, e a resposta foi positiva”, comemora o professor Marcos.

No início do ano que vem, será a vez da Escola Municipal Laudimíia Trotta, na Tijuca, bairro da Zona Norte onde há várias áreas de risco para deslizamentos de encostas. “O público-alvo dessa escola é formado por moradores do Salgueiro, da Formiga e do Borel, três áreas de encosta e com risco alto de deslizamentos”, explica a professora Maria de Fátima Abrantes, que dá aulas de Geografia na escola e é uma das coautoras do projeto. “A gente espera que isso se multiplique na comunidade, com rodas de conversa com os pais dos alunos, com as associações de moradores. E que os alunos sejam multiplicadores desse conhecimento”, diz Fátima, chamada pelos alunos de Fatinha.

O entusiasmo da professora pelo projeto é tanto que ela ingressou no Programa de Engenharia Ambiental da Escola Politécnica para desenvolver uma pesquisa sobre a metodologia das oficinas. “No doutorado, a ideia é desenvolver e avaliar essa metodologia em sua eficácia

na construção do conhecimento e do desenvolvimento da percepção de risco dos alunos em relação aos deslizamentos. Existem poucos trabalhos nessa linha”, destaca a professora.

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA

Marcos trabalha há muito tempo com o tema. Engenheiro civil formado pela Uerj, com mestrado e doutorado na Coppe/UFRJ na área de Geotecnia, ele trabalhou na Prefeitura de Petrópolis, onde teve uma forte vivência com deslizamentos de encosta, principalmente depois das chuvas de 1988 que castigaram a cidade serrana. Também atuou nessa área na iniciativa privada por mais de uma década. “Quando entrei na UFRJ, em 2010, vi a oportunidade de trabalhar com algo que sempre quis, a educação para a redução de desastres associados a deslizamentos. E comecei a apresentar projetos nessa área a agências de fomento”, conta o professor.

Após alguns projetos pontuais de pesquisa em comunidades e escolas, Marcos vislumbrou a chance de ter um projeto contínuo sobre os deslizamentos: o Espaço Ciência Viva (ECV), um museu interativo aberto ao público e que lida com divulgação científica. “Entramos lá em 2015, nas oficinas dos Sábados da Ciência, com até mil visitantes por oficina. Foi um divisor de águas, porque o ECV tem experiência em oficinas educativas. E isso nos levou, em 2019, a inscrever um projeto no CNPq para integrar a universidade (UFRJ), escolas públicas e o ECV, que é o facilitador da passagem desse saber do ensino superior para escolas públicas. E nasceu o Encosta Viva”, lembra Marcos.

A professora Eleonora Kurlenbach, chefe do Laboratório de Biologia Molecular e Bioquímica de Proteínas do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, presidente do Espaço Ciência Viva e diretora da AdUFRJ, exalta o Encosta Viva como um desdobramento natural das atividades do ECV. “Eu estou lá desde 1984, quando ainda era estudante de mestrado. O ECV (<http://cienciaviva.org.br/>) é uma ONG criada por vários grupos de pesquisadores e professores de várias universidades. É um museu interativo de Ciências montado num galpão remanescente das obras do Metrô na Tijuca. E estabelecer essa interação entre os cientistas e o público sempre foi o nosso objetivo”, diz a professora.

Eleonora recorda que o Encosta Viva se desenvolveu muito



DIVULGAÇÃO ENCOSTA VIVA



AS OFICINAS envolvem professores e alunos extensionistas, que interagem com alunos da Educação Infantil ao nono ano do Ensino Fundamental, sob a coordenação do professor Marcos Barreto (foto ao centro, em primeiro plano).

desde 2015, quando o tema dos deslizamentos foi introduzido no ECV pelo professor Marcos. “Em 2000, começamos a fazer os Sábados da Ciência, eventos temáticos abertos ao público. Foi assim que o professor Marcos chegou com seu projeto ao ECV. A partir daí começamos a escrever projetos juntos, com esse olhar sobre as desigualdades. As oficinas nas escolas com alunos de extensão são uma

experiência muito rica, o projeto tem um viés social importante”, sustenta Eleonora.

PERTO DA REALIDADE

Isadora Fortuna, aluna do projeto de extensão, atesta a riqueza da experiência. Ela é uma das mediadoras das oficinas, em que os alunos das escolas públicas são apresentados ao tema com o auxílio de uma maquete que simula um deslizamento de ter-

ra em uma encosta. Problemas comuns a várias comunidades, como escavações irregulares do solo, desmatamento e acúmulo de lixo, são abordados nas aulas. As oficinas mostram também os mecanismos de alerta existentes na cidade, como as sirenes.

“O Encosta Viva consegue unir três vertentes que me interessam muito: a educação, a questão social e a Engenharia Civil. Tive a oportunidade de ajudar na estruturação das maquetes, de todos os materiais usados nas oficinas. O que mais me envolve e motiva é a relação com os alunos, com os professores, e ainda mais tratando de um tema que é tão próximo da realidade deles. Acho que ele tem que ir para todas as escolas do Rio de Janeiro, a gente vê o interesse dos alunos, principalmente os mais novos”, conta Isadora, que é aluna de Engenharia Civil na Escola Politécnica.

Para a também aluna de Engenharia Civil e extensionista Isabela Cardoso, a proximidade com o tema é ainda mais profunda. Ela foi aluna da professora Fatinha na escola Laudimíia Trotta e é moradora do morro do Salgueiro. “Logo que entrei na UFRJ, teve uma apresentação para os calouros sobre os projetos de extensão. E o Encosta Viva me encantou, falava da escola em que eu estudei, da professora Fatinha, que me deu aulas de Geografia. Tem tudo a ver comigo. Moro no Salgueiro, já morei também no Borel, onde vi isso de perto. A gente sabe que as pessoas não escolhem morar em comunidades com áreas de risco, elas não têm outro lugar para viver”, diz Isabela, que está vencendo sua timidez nas oficinas. “Consigo ver na carinha das crianças que elas entendem quando a gente fala. Estou indo agora para o segundo período, me sinto a criancinha do projeto. Que eu possa amadurecer junto com ele”.

TXAI SURUÍ REIVINDICOU a herança de seus antepassados, a riqueza ecológica da Amazônia e exigiu a proteção para líderes indígenas

INDÍGENA BRASILEIRA FAZ ALERTA AO MUNDO NA COP26

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufjr.org.br

Na última semana, o discurso da indígena Txai Suruí na COP26, em Glasgow, na Escócia, tocou o mundo sobre a importância dos saberes tradicionais para enfrentar a crise climática. A filha do cacique Almir Suruí é a primeira integrante do povo Suruí a cursar Direito na Universidade Federal de Rondônia (Unir), e é também fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia. Na linha de frente do grupo, ela já liderou atos pedindo a saída do presidente Jair Bolsonaro e também denunciou o avanço da agropecuária sobre a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Em seu discurso — ela foi a única brasileira a falar na abertura da cúpula das Nações Unidas, que vai até o próximo dia 12 —, Txai enfatizou a necessidade de tomar outros caminhos, “com

mudanças corajosas e globais”, para frear a crise climática que afeta de maneira devastadora as terras onde nasceu e cresceu. “Os saberes indígenas não são só diferentes, mas são saberes que se relacionam de outra maneira com o meio ambiente e o mundo”, sustenta o professor de História do CAp-UFRJ e doutorando do Programa de História Social, João Gabriel Ascenso. “Os indígenas têm uma relação com o meio ambiente em que se reconhece a subjetividade dos elementos da natureza. Reconhecem que a natureza não são só bens para serem consumidos, não têm essa distinção de sujeito e objeto. Por reconhecer a subjetividade contida nos elementos naturais, não os destroem sem motivo. As cosmologias desses povos representam uma alternativa à crise global que está acontecendo”, acredita João.

O desenvolvimento sustentável, uma das bandeiras do “eco-capitalismo” atual, é uma das dificuldades para a mudança, acredita o doutorando. “É pos-

sível ter um desenvolvimento sustentável? Muitas vezes o discurso parece ser: como fazer para continuar crescendo desse jeito e não destruir o mundo. A questão é que não dá. O mundo não está aguentando isso”, acredita. “Se a gente tem que crescer e produzir o tempo inteiro para economia continuar crescendo, não tem alternativa”, completa. Para o ex-presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Mécio Pereira Gomes, o discurso traz a pauta da demarcação de terras indígenas. “É muito importante. O que for possível ser segurado, precisa ser segurado. E o que pode ser reforçado, também precisa ser”, afirma o antropólogo. “Sou a favor que a humanidade pense em conjunto, que possa refletir caminhos e opções que consigam compatibilizar os povos que precisamos de desenvolvimento e melhoria das condições econômicas”, diz.

Gomes não acredita que o mundo pode acabar em pouco tempo, por consequências da

crise climática. “Quanto a essa história de fim do mundo, para mim é muita retórica. Acho que a Terra já foi muito devastada, temos que compatibilizar a realidade de quase oito milhões de pessoas que precisam ser alimentadas, e ao mesmo tempo num regime social que está sempre crescendo cada vez mais”, explica. “É preciso encontrar caminhos que perturbem cada vez menos a natureza”, conclui.

Txai Suruí alertou, também, sobre o assassinato de Ari Uru-Eu-Wau-Wau, seu amigo de infância encontrado morto em abril de 2020 na Linha 625 de Tarilândia, em Rondônia. “Sobre assassinatos de ativistas indígenas, isso é profundamente lamentável”, afirma o antropólogo Cesar Gordon, professor do IFCS/UFRJ. “Não é um fenômeno contemporâneo, muito pelo contrário, isso já ocorre há várias décadas, e tem muito a ver com o problema geral da impunidade brasileira”, explica. “Principalmente nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, isto é, nas franjas da atuação do Estado brasileiro, regiões que ficam praticamente sem lei, é um fenômeno recorrente, não me parece que isso esteja ligado ao agravamento da crise”, acredita.

VICE-DIRETORA DA COPPE AVALIA PRIMEIROS DIAS DA CONFERÊNCIA

Vice-diretora da Coppe, a professora Suzana Kahn participa da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Clima (COP26), em Glasgow, Escócia, como representante da UFRJ na Aliança Global de Universidades sobre o Clima (GAUC, da sigla em inglês) e como Diretora do Centro Brasil-China.

Já é possível registrar alguma surpresa, positiva ou negativa, nesses primeiros dias da Conferência? Surpresa em termos de avanço com o “livro de regras” do Acordo de Paris não houve. A surpresa foi a quantidade de pessoas que compareceram à COP em Glas-

gow, no meio de uma pandemia, num dos países mais caros do mundo, com uma série de restrições. O que mostra o interesse do mundo em resolver a questão.

Como avalia a participação do governo brasileiro e, em especial, a meta anunciada

de reduzir a emissão de gases pela metade até 2030? Não espero nada do governo atual. Não cumpriu suas metas, que eram absolutamente factíveis. Ao contrário, aumentou sua emissão de carbono. Portanto, não acredito no que anunciam. Aliás, nem eu, nem a imprensa daqui. O país está

O DISCURSO

Meu nome é Txai Suruí, eu tenho só 24, mas meu povo vive há pelo menos 6 mil anos na floresta Amazônica. Meu pai, o grande cacique Almir Suruí me ensinou que devemos ouvir as estrelas, a Lua, o vento, os animais e as árvores.

Hoje o clima está esquentando, os animais estão desaparecendo, os rios estão morrendo, nossas plantações não florescem como antes. A Terra está falando. Ela nos diz que não temos tempo.

Uma companheira disse: vamos continuar pensando que com pomadas e analgésicos os golpes de hoje se resolvem, embora saibamos que amanhã a ferida será maior e mais profunda?

Precisamos tomar outro caminho com mudanças corajosas e globais. Não é 2030 ou 2050, é agora!

Enquanto vocês estão fechando os olhos para a realidade, o guardião da floresta Ari Uru-Eu-Wau-Wau, meu amigo de infância, foi assassinado por proteger a natureza.

Os povos indígenas estão na linha de frente da emergência climática, por isso devemos estar no centro das decisões que acontecem aqui. Nós temos ideias para adiar o fim do mundo.

Vamos frear as emissões de promessas mentirosas e irresponsáveis; vamos acabar com a poluição das palavras vazias, e vamos lutar por um futuro e um presente habitáveis.

É necessário sempre acreditar que o sonho é possível.

Que a nossa utopia seja um futuro na Terra.

Obrigada!

completamente desacreditado.

O que achou do pedido de demissão do coordenador-executivo do Fórum Brasileiro de Mudança do Clima, Oswaldo Santos Lucon, durante a COP? Nunca entendi como ele aceitou ficar tanto tempo! (Lucon, que é pesquisador, havia sido nomeado por Bolsonaro para o cargo em maio de 2019). (Kelvin Melo)



ESTREIA NA UFRJ: INCONTÁVEIS

■ Na próxima semana, dia 9, irá ao ar o primeiro episódio da série Incontáveis, produzida pela Comissão da Memória e Verdade da UFRJ. A estreia vai abordar a repressão contra o mundo da educação durante a ditadura militar brasileira e será transmitida pelo canal do Fórum de Ciência e Cultura no Youtube, seguida de um debate com Dulce Pandolfi, da Universidade da Cidadania, Julia Polessa, da Faculdade de Educação, e Andréa Queiroz e Luciana Lombardo, da Comissão. Cada capítulo abordará um tema relacionado à ditadura, tais como o racismo, a questão de gênero, os povos indígenas, os trabalhadores, o mundo da Educação e a população LGBTQIA+. “O objetivo é traduzir o conhecimento historiográfico de ponta que é produzido nas universidades em uma linguagem audiovisual, para fazer a disputa de memória e lutar contra o negacionismo”, explica Lucas Pedretti, um dos colaboradores.

PARENT IN SCIENCE VENCE PRÊMIO INTERNACIONAL

■ O movimento brasileiro Parent in Science, criado em 2016 com o objetivo de fomentar a discussão sobre os impactos da maternidade e da paternidade na carreira acadêmica de cientistas do Brasil, foi a iniciativa vencedora do prêmio “Mulheres Inspiradoras na Ciência”, na categoria Science Outreach, pelo trabalho desenvolvido na sistematização de dados e na luta pela implantação de políticas de apoio às mães na academia. A vitória foi anunciada na quinta-feira (28) por uma das maiores editoras científicas do mundo, a britânica Nature, em uma cerimônia virtual. É a primeira vez que o prêmio é concedido a um grupo brasileiro, através de uma parceria da editora Nature com a companhia Estée Lauder. Com a premiação, o movimento ganhou US\$ 40 mil, além do convite para apresentações e mentorias na empresa Estée Lauder.

NELSON FREIRE

PRELÚDIO DE MUITAS SAUDADES

O maior pianista erudito do Brasil era Doutor *Honoris Causa* pela UFRJ desde 2011, quando recebeu o título numa emocionante cerimônia na Escola de Música. “O reconhecimento da maior instituição acadêmica de música do meu país me enche de alegria e profunda emoção”

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Nelson Freire partiu para encantar plateias celestiais na véspera de finados, uma segunda-feira chuvosa no Rio de Janeiro, cidade em que o mineiro escolheu viver. O que nem todos sabem é que, junto, o artista levou um pedacinho da UFRJ. Em 15 de setembro de 2011, o pianista subiu ao imponente palco da Escola de Música não para se apresentar, como fez tantas vezes ao longo da carreira, mas para receber o título de Doutor *Honoris Causa* da universidade. “O reconhecimento da maior instituição acadêmica de música do meu país, nesta cidade que escolhi viver, me enche de alegria e profunda emoção”, disse Nelson, na ocasião.

O pianista era retraído com as palavras. Algo que não escondeu no curto discurso que proferiu. Assim como o amor pelo Rio de Janeiro, onde residiu até os momentos finais. “Com a música, é possível expressar sentimentos sem dizer uma palavra. Hoje sinto uma emoção que dificilmente conseguirei traduzir em palavras”, afirmou, segundo notícia na página da Escola. “Há anos, ando pelo mundo. Mas é para cá que volto. A praia, o ar, as nuvens e os sabores desta cidade me alimentam como nenhuma outra”, completou.

Diretor em 2011, André Cardo-

so relembra que a Escola de Música abraçou a homenagem sem hesitação. “Um artista consagrado no mundo inteiro. O maior pianista brasileiro da geração dele. Tocou com as principais orquestras”, afirmou. Superpremiado ao longo da carreira, Nelson receberia da UFRJ seu primeiro título acadêmico. “Era o reconhecimento da mais antiga instituição de ensino musical do país, que é a Escola de Música da UFRJ, em função da carreira dele, levando o Brasil pelos palcos do mundo. Depois, ele recebeu da UFMG e de outras instituições”.

O então vice-reitor da UFRJ, professor Antônio Ledo, recorda com carinho de uma curiosidade que cercou os preparativos daquela sessão solene. O professor Aloísio Teixeira, que era o reitor da UFRJ até julho daquele ano — e que viria a falecer no ano seguinte —, entusiasta de música clássica e fã de Nelson Freire, queria assistir a uma apresentação musical do pianista. “Isso foi pensado. Mas acabou não ocorrendo”, disse Ledo. Ao final, Aloísio cobrou: “Você não fez ele tocar?”, recorda o ex-dirigente, divertido.

O professor Giulio Draghi representou o Departamento de Instrumentos de Teclado e Percussão, de onde partiu a ideia da homenagem, no evento de 2011. “Lembro que ele chegou uma hora antes e ficou ensaiando com a página de papel que leu. Foi muito bonito”, relatou. Outra beleza da noite foi a gentileza característica de Freire, que ainda ficaria um bom tempo do pós-ce-

rimônia conversando e tirando fotos com todos que pediram.

O GÊNIO

Giulio teve a oportunidade de visitar a casa do artista uma vez, ao lado de alguns amigos, quando ainda era estudante, no início dos anos 80. E lembra de uma passagem marcante, ao encontrar algumas partituras pela casa. Pensava que veria anotações ou marcações nos papéis, algo que poderia guiar seus estudos depois. “Os músicos escrevem nas partituras. Mas não tinha uma marca. Nada! Aí eu me dei conta que ele tinha uma leitura fabulosa, que não precisava marcar nada”, afirmou.

Sempre que possível, Giulio não perdia nenhuma apresentação de Nelson Freire no Rio. “Ele nunca parava de progredir. Era inacreditável. Há pessoas que sofrem uma crise, depois se reencontram”. Nelson Freire não

oscilava para baixo. “Mesmo que fosse uma peça que eu já tivesse visto, nunca era igual. Era sempre melhor”, descreve.

O docente ainda não se conformou com a morte do pianista. Separou os LPs e CDs, olhou as capas, buscou lembranças, mas ainda não conseguiu ouvir nenhum deles. “Foi uma tragédia não anunciada. Isso me impede agora de ouvi-lo imediatamente. Ainda vou esperar mais um pouco”.



EM 2011, o diretor da Escola de Música, André Cardoso; a decana do Centro de Letras e Artes, Flora de Paoli; o vice-reitor Antônio Ledo; e o homenageado, Nelson Freire, durante a sessão solene de outorga do título de Doutor *Honoris Causa*

UM ÚNICO CONCERTO COM A ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFRJ

Seis anos após receber o título de Doutor *Honoris Causa*, Nelson Freire fortaleceu o vínculo com a universidade. Em julho de 2017, realizou sua única apresentação com a Orquestra Sinfônica da UFRJ, no palco do Theatro Municipal. “Eu era diretor artístico do Theatro e fiz essa programação em homenagem aos 130 anos do maestro Villa-Lobos (1887-1959)”, conta o professor André Cardoso. Os ensaios eram realizados na Escola de Música, para deleite do corpo discente. “Evidentemente, os alunos iam falar com ele”, completa o ex-diretor. O espetáculo pode ser conferido no Youtube, no canal da Academia Brasileira de Música.



HIPPERTT